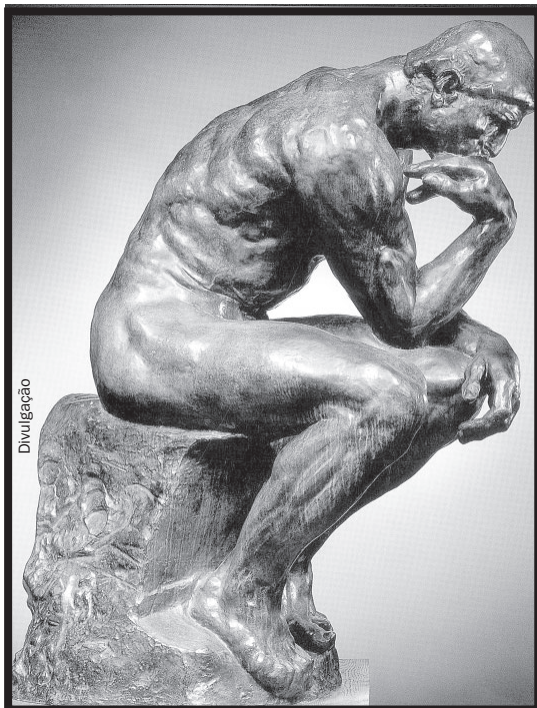


O PENSADOR NO RIO



Divulgação

O carioca vai poder admirar uma das obras de arte mais importantes do planeta a partir do dia 3 de agosto no Museu de Arte Moderna. A escultura *O Pensador*, de Rodin, foi criada em 1880 para representar o poeta Dante na porta do inferno e mede 1,82 m. A obra vai ficar no *foyer* do MAM até setembro e é a única das 25 réplicas espalhadas pelo mundo que tem permissão para viajar.

— (Artes Plásticas – pág. 12)

Djavan solta a voz no Claro Hall

Dos dias 13 a 15 de agosto, Djavan leva ao Claro Hall o show do novo CD, *Vaidade*. O cantor divide o palco com os filhos Max e João, que fazem parte da banda. No repertório, surpresas como uma canção de Roberto Carlos - compositor que o alagoano nunca tocou - e sucessos antigos.

— (Show – pág. 7)



Divulgação

PALAVRAS DE UM EX-PRESIDENTE AMERICANO



Divulgação

Minha Vida
Bill Clinton

Os anos na presidência, a infância difícil no estado de Arkansas, a trajetória política e o caso com a estagiária Mônica Lewinsky recheiam as páginas de *Minha Vida*, autobiografia de Bill Clinton, com previsão de lançamento para este mês nas livrarias brasileiras. A admiração por Fernando Henrique Cardoso, a visita à Mangueira e

a voz da baiana Virgínia Rodrigues também são citadas no livro. (Literatura – pág.3)



Estamos fazendo um ano com um presentão! **Martinho da Vila** estréia coluna no ACONTECE NA CIDADE com uma receita deliciosa de samba-enredo. Outra novidade é nosso site, na rede a partir deste mês. É o www.acontecenacidade.com.br. (Editorial e pág. 13)

Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligja Moreira

Colaboradores

Antônio Torres

Gloria Castro

José Louzeiro

Leonardo Luiz Ferreira

Luís Pimentel

Martinho da Vila

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

Editorial pág. 2	Cinema.....pág. 9
Antônio Torres..pág. 3	Vídeo pág. 10
Literatura pág. 3	Sérgio Britto pág. 11
Dança pág. 4	Artes pág. 12
Luís Pimentel .. pág. 5	Martinho da Vila . pág. 13
Teatro pág. 6	José Louzeiro pág. 14
Show pág. 7	Televisão pág. 14
Música pág. 7	Aconteceu pág. 15
Sétima Arte pág. 8	Paulo Raider pág. 16

Editorial

Agosto é um mês importante para o ACONTECE NA CIDADE. Estamos fazendo um ano. Durante todo esse tempo, amadurecemos, ganhamos credibilidade, fizemos amigos. Estamos nos firmando no mercado como um veículo sério, que não apenas divulga eventos culturais, mas que informa. O retorno tem sido muito legal, tanto dos leitores quanto dos colegas. Conseguimos juntar ao longo destes meses colaboradores que formam um verdadeiro time de craques, que acontecem não só na cidade, mas no país: os escritores Antônio Torres e José Louzeiro, o ator Sérgio Britto, o agitador cultural Jorge Salomão e Martinho da Vila – o sambista estréia coluna nesta edição de aniversário. Uma equipe de feras que conta ainda com os jornalistas Glória Castro, Leonardo Luiz Ferreira e Luís Pimentel e o colunista Paulo Raider. Aos nossos colaboradores e leitores, todo o nosso carinho. E respeito. E o nosso obrigado. Para marcar um ano cheio de boas notícias, uma novidade: nosso site estará na rede a partir deste mês no endereço **www.acontecenacidade.com.br**. E seguimos rumo a mais um ano de conquistas!!



Ricardo Poock
Fotografia Profissional

Aniversário, Batizado, Reportagens,
 Feiras e Eventos em geral.
 poock@domain.com.br
 2527-5519 / 9666-5469

MAIS DE 50 ANOS DE TRADIÇÃO

CONFEITARIA MANON

ESPECIALIDADE:
PÃO DOCE MADRILHENHO

Variedades de doces, tortas, bolos,
 biscoitos amanteigados,
 pão integral, pão de forma, salgados...

RESTAURANTE COM AR CONDICIONADO
BUFFET A QUILO VARIADO
O MELHOR DO CENTRO

AGORA COM NOVAS
 INSTALAÇÕES PARA
 MELHOR SERVIR
 SEUS CLIENTES
 OFERECEREMOS
 AMPLO SALÃO
 PARA SUAS REUNIÕES,
 COFFEE BREAK,
 CASAMENTOS , 15 ANOS.

ACEITAMOS ENCOMENDAS
 E ENTREGAMOS EM DOMICILIO

☎ 2221-0245 / 2221-0246
 2221-0249

Rua do Ouvidor, 187/189
 (Em frente a C&A)

FUNIONAMOS DE 2ª A 6ª DAS 11H ÀS 16H - SÁBADO ATÉ 16H



Antônio Torres

Biscoitos finos

Nesta praça se acha um disco intitulado *El negro del blanco*. É um breve contra o estresse provocado pela poluição sonora, em uma era cheia de som e de fúria, significando nada. Ouça. O senhor Paulo Moura e um rapaz chamado Yamandú Costa estão tocando. Não é apenas um diálogo afetuoso entre um clarinetista calejado, consumado, consagrado, e um violonista jovenzito, que domina suas cordas como quem alisa um poltro indomável nos pampas. Eles parecem nos dizer que, em meio a esta realidade de violência ameaçada pelo caos, ainda há espaço e tempo para delicadezas. Ou por outra: para uma arte que o modernista paulistano Oswald de Andrade chamava de biscoito fino. No ideário daquele poeta, romancista, dramaturgo e agitador da cena artística dos anos vinte do século passado, era isso o que todo artista tinha que servir às massas.

Ouçamos o velho negro e o moço

branco tocando *La Paloma*, por exemplo.

Eles fazem com essa música um tanto breguinha, que na versão brasileira falava de "uma pombinha branca que fugiu do ninho," algo parecido com o que Miles Davis (todos os trompetes havidos e a haver) fazia com baladas tipo mela-cueca: transformava-as em clarinadas celestiais.

Celestial também é a voz de Olívia Byington em *Canção do amor demais*.

Neste disco, ela faz lembrar Scott Fitzgerald, quando dizia que a beleza só nasce a cada cem anos. E tem mais biscoito fino: Michel Legrand tocando Luiz Eça. Isto tudo é para se ouvir, como quem reza. E para ler? Sim, até este exato momento, o romance do ano é *A Costa dos Murmúrios*, da portuguesa Lydia Jorge, que acaba de sair aqui, pela Editora Record. Uma obra-prima.

Tudo a ver com aniversário, presentes, biscoitos finos que você tanto pode dar aos amigos, quanto a si mesmo.



Literatura

Bill Clinton por Bill Clinton

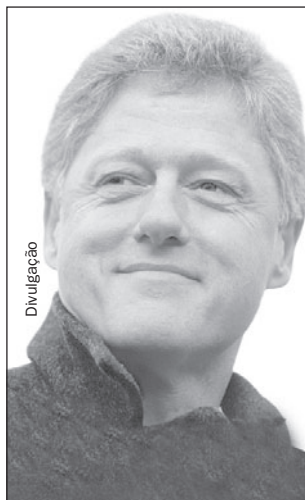
Chega ao Brasil autobiografia do ex-presidente americano

Ele esteve à frente da nação mais poderosa do planeta durante oito anos e conquistou os americanos. Tanto que, ao deixar a Casa Branca, teve um excelente índice de aprovação: 65%. Sem dúvida, uma história vencedora para um político. Mas escândalos na vida pessoal fizeram Bill Clinton chegar a conclusão de que venceu a guerra pública, mas perdeu a privada. Palavras do próprio ex-presidente dos Estados Unidos em *Minha Vida*, autobiografia de Clinton com previsão de lançamento para este mês nas livrarias brasileiras. Nos Estados Unidos, o livro vendeu mais de 1 milhão de cópias em oito dias. Em relação ao caso amoroso com a ex-estagiária Mônica Lewinsky, Clinton conta que "admitir o adultério a Hillary foi o pior dia do meu mandato". Ele relata que a ex-primeira-dama ficou furiosa quando soube de tudo e o colocou para dormir no sofá. Foram momentos difíceis, segundo o ex-presidente, e nem a filha Chelsea falava direito

com o pai. A família se recuperou do trauma só depois de muita terapia.

A parte da presidência é narrada em forma de diário, sem maiores revelações. Os primeiros capítulos do livro relembram a infância difícil no estado de Arkansas. Clinton perdeu o pai tragicamente aos três meses e chegou a presenciar o padrasto alcoólatra dar um tiro em direção à mãe, mas o disparo atingiu a parede. E foi em Arkansas que ele começou a vida política: aos 32 anos virou governador, reeleito anos depois.

O Brasil também é citado em *Minha Vida*. Bill Clinton elogia o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso - a quem classifica como um dos maiores líderes que conheceu, fala sobre a bossanova e a visita à Mangueira, em 1997. Cita ainda a admiração pela voz da cantora baiana Virginia Rodrigues. Clinton a ouviu cantando em um jantar oferecido a ele por FHC em Brasília. (F.M.)



Divulgação



Dança contemporânea com técnicas corporais

Música, pintura e budismo inspiram coreografias



Divulgação

Para comemorar o seu segundo aniversário, a Atma Companhia de Dança apresenta entre os dias 13 e 22 de agosto parte do repertório de diferentes coreografias ambientadas à arquitetura das três salas do Espaço Cena Rio. No programa: *Somos três, embora um*, peça inspirada na obra do violinista Gidon Kremer; *Action painting*, estudo sobre a ação de pintar do americano Jackson Pollock – um dos nomes do Expressionismo; e *Sagrado*, estudo sobre filosofia e teosofia a partir das escrituras sagradas do budismo.

Comandada pela coreógrafa e intérprete Ana Andréa, que aproveita para fazer novas experiências oferecendo a suas concepções e ao espectador um novo olhar sobre a obra, a Atma Companhia de Dança encena a coreografia *Sagrado*, por exemplo, à luz de velas. Ainda este ano, a companhia embarca numa primeira turnê pela Europa. De perfil contemporâneo, os trabalhos utilizam várias técnicas corporais como material para a concepção. O Espaço Cena Rio, fica em Laranjeiras, na Rua Alice, 75. **(G.C.)**

CREB CLÍNICA

<ul style="list-style-type: none"> REUMATOLOGIA TRAUMATO-ORTOPEDIA URGÊNCIAS HIDROTERAPIA FISIOTERAPIA R.P.G - ACUPUNTURA - PILATES RAIOS-X - ULTRASSONOGRAFIA 	<ul style="list-style-type: none"> · · · · · · · 	<p>Programas de TRATAMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> Osteoporose Coluna vertebral Artrose Artrite Reumatoide Fibromialgia Reabilitação de Joelho Reabilitação pós-cirúrgica Tendinite - Bursite
---	---	---

CENTRO DE REUMATOLOGIA E ORTOPEDIA BOTAFOGO
 Rua Voluntários da Pátria, 408 - Botafogo - Tel (21) 2266-6633
 www.creb.com.br - Todos os convênios - Estacionamento no local

Preserve suas melhores lembranças

Copie suas fitas VHS e seus filmes super 8 para DVD!

Vanguarda Vídeo

2252-1211



TÁ OLHANDO O QUÊ??

Anuncie: **9666-5469**

anúncios a partir de R\$ **80,00**



Luís Pimentel

Promessa

Chegou em casa, depois da labuta, e encontrou a mulher no preparo da partida, armando o famoso adeus de mão fechada. Mala aberta sobre a cama, aquele ar de quem está indo para uma melhor, a ingrata recolhia calmamente as peças do guarda-roupa. Uma a uma. A cada vestido, blusa ou camisola retirada, a ponta do punhal era cravada mais um pouco no coração do marido. E ele nem sequer imaginava que há muito tempo já era ex.

Depois de alguns minutos, resolveu perguntar o óbvio:

– Você está partindo?

A mulher nem se dignou a responder. Mascava chiclete e ouvia o cantorzinho da moda se esgoelar no aparelho de CD. Aumentou mais ainda o som, enquanto cumpria um ritual terrível: cheirava e beijava as peças de roupas, uma a uma, antes de dobrar e colocar na mala.

– Te fiz alguma coisa de ruim, Dora? – ousou perguntar e a voz quase não saiu, tão pequeno e espremido estava.

– Não, Alvinho. Há muito tempo você não faz nada, nem de ruim.

Exalando felicidade por todos os poros, ela fechou a mala com capricho nunca visto, apertando e conferindo todas as trancas. Depois se dirigiu até a porta, rebolando pelo corredor. Parou no meio da sala e jogou um arremedo de beijo com os dedos. O marido, mais do que nunca ex e largado no sofá, contemplava uma lâmpada acesa e tinha o ar mais idiota e incrédulo deste mundo.

A pergunta saiu desconexa, vexatória, impensada:

– Você volta, meu amor?

Oh, dó. A resposta mostrava que às vezes o peso de um trem sobre os ossos pode também trazer alívio:

– Sim, querido, eu prometo. Daqui a cem anos.

E com os olhos brilhando no sorriso de canto de boca:

– Me espera, tá?

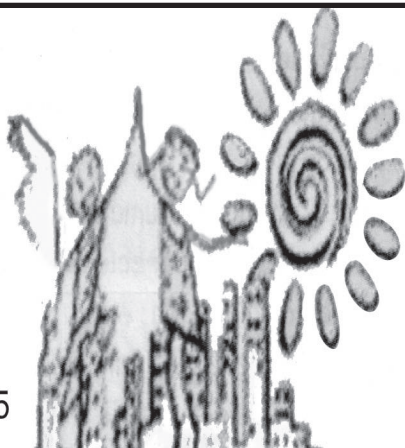
DOE SOLIDARIEDADE

Associação de assistência
à criança São Vicente de Paulo

casa@casaapoiocancer.com.br

LIGUE: 021 33724612

Deposite: Banerj Ag. 3479 - C/C 09204-5





A última peça de Shakespeare

Núcleo Carioca de Teatro encena *A Tempestade*

O mais novo espetáculo do Núcleo Carioca de Teatro, dirigido por Luiz Arthur Nunes, *A Tempestade* estréia dia 13 de agosto, no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana. O espetáculo usa recursos como máscaras, bonecos, quadros vivos, sombras, ator coringa, cenário único e música ao vivo executada pelos atores, que têm presença constante em cena. A simplicidade, um quase minimalismo, marca a montagem. Com apenas oito atores e alguns elementos cênicos, são recriados os múltiplos personagens e a variedade da imaginação shakespeariana.

A Tempestade é a última peça escrita por William Shakespeare e uma espécie de autobiografia filosófica do dramaturgo. Criada por um poeta acostumado, principalmente nas tragédias históricas, a cobrir largos espaços de tempo, a peça tem sua ação transcorrida no tempo real da representação. O bardo inglês aborda a eterna luta pelo poder através de Próspero, o mago, que para punir os inimigos e restabelecer a ordem usa traição, usur-



pação, revolta, violência e conspirações.

Com tradução, adaptação e direção de Luiz Arthur Nunes *A Tempestade* leva ao palco atores do Núcleo Carioca de Teatro - Maria Esmeralda Forte, Ivo Fernandes, Francisco de Figueiredo, Ludmila Breitman e Nilvan Santos - e convidados - Henrique Pagnoncellis, Tato Consorte, Nilvan Santos e Arnaldo Marques. **(G.C.)**

Três espetáculos para comemorar quinze anos

Cia Teatro Autônomo em cena no CCBB

A Cia. Teatro Autônomo comemora seus 15 anos com a montagem no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) de três espetáculos de sua própria criação, que reafirmam a pesquisa de linguagem do grupo dirigido por Jefferson Miranda: *Deve haver algum sentido em mim que basta*;

Uma coisa que não tem nome (e que se perdeu) e *Minh'alma é Imortal*.

Espectáculo inédito, criado a partir de improvisações, *Deve haver algum sentido em mim que basta* parte da impressão de que a vida se constitui de encontros fortuitos cujo sentido final é apenas uma possível versão. Fica em cartaz no Teatro III, até o dia 19 de setembro. De 7 a 22 de agosto, *Uma coisa que não tem nome (e que se perdeu)* ocupa o palco do Teatro II. Com o ponto de partida no romance inglês *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, este estudo traz para a cena temas como o desencanto, o abandono e a perda de referência. E a fábula tragicômica sobre as esperanças humanas que se frustram e obcecaram, o espetáculo *Minh'alma é Imortal* tem apresentações de 27 a 29 de agosto, no Teatro II. **(G.C.)**



Djavan em família

Cantor apresenta *Vaidade* com dois filhos na banda

Daniel Cruz

Depois de uma temporada de sucesso em São Paulo, chega ao Rio o show do novo CD de Djavan, *Vaidade*. O disco é só de inéditas, e sete delas serão apresentadas no espetáculo (*Flor do medo* e *Celeuma*, entre outras). O alagoano também empresta a voz para canções de outros compositores que ele nunca tocou, como Roberto Carlos. O repertório conta ainda com sucessos antigos (*Lilás*, *Te devoro*). O cantor divide o palco com os filhos João e Max Vianna (bateria e guitarra). E é justamente o sentimento de paternidade que permeia o novo trabalho de Djavan. Além de trabalhar com os filhos mais velhos, ele buscou inspiração no espírito de ser pai novamente. E fez um disco leve, de uma



delicadeza infantil. Sofia, a caçula, está com dois anos.

Vaidade é o décimo-sexto disco de Djavan e o primeiro lançado pela gravadora do cantor, a Luana Records. O show acontece nos dias 13, 14 e 15 no Claro Hall. **(F.M.)**

Música

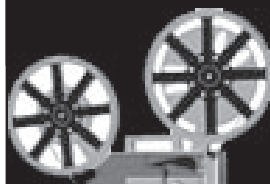
Perto de Deus... e do reggae de raiz

Cidade Negra recheia trabalho com ritmo jamaicano



Perto de Deus é uma volta às origens para o Cidade Negra. Recheado de reggae de raiz, o destaque do novo trabalho é a versão de *Concrete Jungle*, um dos maiores sucessos de Bob Marley. No repertório há ainda *Atacama*, *Sinais* e *Por do sol*. O disco foi mixado na Jamaica e tem previsão de lançamento para agosto. É o primeiro trabalho da banda desde o *Acústico MTV*, lançado em 2002.

Formado por Toni Garrido, Lazão, Da Gama e Bino, o Cidade Negra surgiu nos anos 80, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. O som deles era influenciado principalmente pelo reggae e pelo soul. Na formação original, o vocalista era Ras Bernardo. Em 1992, eles chegaram a tocar no festival Reggae Sunsplash, na Jamaica. Tempos depois da apresentação, Bernardo é substituído por Toni Garrido, que deu ao grupo um toque mais pop, atraindo assim muito mais fãs. Entre os maiores sucessos da banda estão *A flecha e o vulcão*, *Onde você mora?*, *Pensamento*, *A Estrada*, *Firmamento*, *A sombra da maldade* e *Girassol*. **(F.M.)**



Sétima Arte

Maniqueísmo Religioso

Em um curto período de tempo foram muitos os acontecimentos dignos de nota e de colunas, entre eles a morte de Marlon Brando, um dos últimos e verdadeiros ícones do cinema americano; a invasão do cinema argentino no circuito carioca, com destaque especial para *O Pântano*, de Lucrecia Martel; e a 12ª edição do Festival de Animação, o Anima Mundi. Entretanto, já havia decidido, em razão de sua chegada nas locadoras, que o espaço seria reservado para *A Paixão de Cristo*, de Mel Gibson, o longa que mais despertou debates e opiniões diversas no primeiro semestre do ano.

O filme retrata as últimas doze horas da vida de Cristo na Terra e foi adaptado a partir de relatos da Paixão baseados em quatro evangelhos bíblicos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Portanto, trata-se de uma película para iniciados religiosos já que não há um expressivo contexto histórico e ausência de nomes ou outros com papel diminuídos, o caso de Barrabás, transformado apenas em um ladrão louco, uma figura repugnante, para enfatizar de forma grosseira o equivocado julgamento humano. O argumento de retrato exclusivo dos últimos instantes de Jesus perde o sentido na medida que são inseridos *flashbacks* pouco ou nada elucidativos com relação a seu passado.

A produção de Gibson não tem a simplicidade e sinceridade de um *O Evangelho Segundo São Mateus*, de Pasolini, ou a transgressão de *Viridiana*, de Buñuel, e nem mesmo questionamentos profundos e reflexão de *A Última Tentação de Cristo*, de Martin Scorsese, acusado de herege ao se apropriar do ato de crucificação e formular uma visão diferente, sem a pretensão de soar como um novo cânone. Scorsese traça um paralelo polêmico desenvolvido a partir da dicotomia entre os desejos da carne e vocação religiosa. A direção do popular ator de sucessos comerciais, como *Máquina Mortífera*, reúne os recursos cinematográficos mais baixos para emocionar - closes em rostos lacrimejantes, câmeras lentas de sangue jorrando, aparição de demônios - e tenta transformar a história mais conhecida do mundo em uma pura e simples luta do bem contra o mal. Não imagino quem aumente ou reforce sua fé ao presenciar o massacre de Cristo por duas horas e com toques de sadismo exagerado, mesmo que isso seja uma verdade absoluta

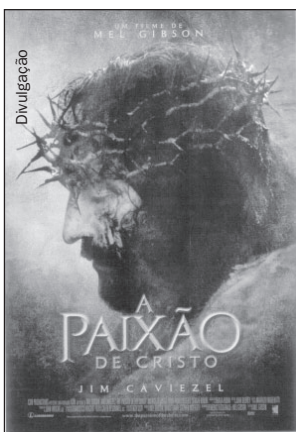
baseada nos relatos da época. É de um reducionismo extremo tornar tolerável a violência, ou exaltá-la, ou justificá-la, por se tratar de um ícone religioso. Agora além da superexposição televisiva, a religião padece com a espetacularização cinematográfica.

Jim Caviezel, sob forte maquiagem, se transforma no pior retrato cinematográfico de Jesus: não angaria fiéis, só fala frases feitas, não demonstra compaixão ou agradecimento e, ainda, parece ser rancoroso e orgulhoso, como em uma seqüência que um corvo se vinga daquele que o zombava. Ele está distante e mitificado, com vestígios de um ser supremo demais que contrasta um pouco da concepção de que o filho de Deus seja a imagem e semelhança do homem. Este por sua vez deve aprender com acertos e erros, a verdadeira *via crucis* dos mortais.

Todas as metáforas e alegorias da Bíblia se tornam imagens concretas - a vingança que recai instantaneamente sobre os judeus com a queda do palácio - sem nenhuma abstração ou processo de interiorização do homem que entende a sua missão e se sacrifica pela humanidade. Há alguns signos espalhados desde a crítica óbvia a Judas, único personagem que recebe parcos contornos, um demônio andrógino, implicitamente referencial ao homossexualismo, e o anti-semitismo de judeus cegos e com sede de sangue. Personagens arquetípicos de alguém como Gibson que vem de uma linhagem de religiosos radicais,

que encontra eco em comentários absurdos de que a genética hebraica é negativa a humanidade. É estranho e contraditório ser um homem do bem e não amar, sem restrições ao próximo, e disseminar o preconceito.

Gibson não inaugura o cinema fundamentalista, presente hoje no universo paralelo de produtoras evangélicas, que já havia sido feito desde o início do século passado pelos mestres Griffith, apoiado pela Ku Klux Klan, e por Eisenstein, e sua ligação com o partido comunista russo. Mas diferente deles, ele não conseguiu sair da armadilha irracional do fanatismo e não apresenta bom cinema em nenhum nível, faz apenas com que o espectador não chore pela beleza de imagens ou por palavras sábias, e sim pela tensão e o horror criados por uma sessão de tortura sem fim. Um exercício maniqueísta que se utiliza da fé para faturar milhões, não de fiéis, mas de dólares.



Video Locadora

PARADISE

12 anos de fortes emoções

• CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
• EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
• LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
Copacabana



A alemã que liderou o movimento comunista no Brasil

Longa conta a história de Olga Benário



Baseado no romance homônimo de Fernando Moraes, *Olga* conta a história da judia alemã Olga Benário, militante comunista desde jovem que foge para Moscou depois de ser perseguida pela polícia. Lá faz treinamento militar e é encarregada de acompanhar o brasileiro Luis Carlos Prestes em sua volta ao Brasil para liderar a Intentona Comunista de 1935. Na viagem, os dois se apaixonam. E se casam. A revolução fracassa, o casal é preso e a militante, grávida de 7 meses, é deportada pelo governo Vargas para a Alemanha Nazista. A filha Anita Leocádia nasce na prisão alemã, mas logo se separa da mãe quando Olga é enviada para o campo de concentração de Ravensbrück, onde

acaba morrendo por um gás letal.

Para viver a mulher de Luis Carlos Prestes no cinema, a atriz Camila Morgado emagreceu sete quilos em dois meses e meio e fez aula de defesa pessoal com o objetivo de definir um corpo de militante. Outra curiosidade: as cenas no campo de concentração foram gravadas na antiga fábrica de tecidos de Bangu – o bairro mais quente do Rio - com muita neve artificial.

No elenco estão ainda Fernanda Montenegro, Caco Ciocler, Werner Schünnerman, Luís Mello, Osmar Prado e Eliane Giardini. A direção é de Jayme Monjardim. *Olga* tem previsão de lançamento para o dia 20 de agosto. **(F.M.)**

O novo de Woody Allen

Astro de *American Pie* protagoniza *Igual a tudo na vida*

Um filme de Woody Allen com um protagonista que é a cara de Woody Allen e, desta vez, vivido por outro ator. Em *Igual a tudo na vida*, Jason Biggs (de *American Pie*) é Jerry Falk, um aspirante a escritor judeu e fanático por jazz, além de neurótico e inseguro com tantos problemas que "nem mesmo o suicídio solucionaria todos". E arruma mais um quando começa a se relacionar com Amanda (Christina Ricci), uma jovem excêntrica e imprevisível. Com tudo dando errado na vida amorosa, Jerry precisa de conselhos. E procura o artista veterano (e paranóico) David Dobel, interpretado pelo próprio Allen. Os encontros rendem boas risadas. Danny de Vito também participa do filme como o pai



de Amanda.

Woody Allen é um dos mais celebrados atores e diretores do cinema americano. Com mais de 30 longas no currículo (*Zelig*; *A Rosa púrpura do Cairo*; *Manhattan*; *Noivo Neurótico*, *Noiva Nervosa*, entre outros), é um apaixonado por Nova York, cidade onde mora e onde se passa a maioria de seus filmes - inclusive *Igual a tudo na vida*. Autor de um estilo único, a obra de Allen tem traços autobiográficos. A religião judaica, os problemas existenciais, a hipocondria, o divã e a preocupação com a morte pontuam sua criação. Os personagens neuróticos são quase sempre interpretados por ele mesmo. A estréia de *Igual a tudo na vida* está prevista para a primeira quinzena de agosto. **(F.M.)**

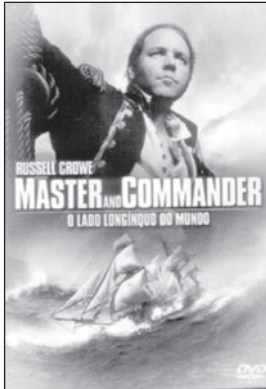
NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

De Corpo e Alma (The Company) Direção: Robert Altman Elenco: Neve Campbell, James Franco. O último grande filme de Altman data de 1993 com o excelente *Short Cuts*. Famoso por seus painéis de personagens retirados do cotidiano e por criticar grupos (modelos, em *Pret a Porter*, burgueses, em *Assassinato em Gosford Park*). Agora, ele foca suas lentes no mundo da dança, que admitiu não dominar. E, realmente, apresenta um roteiro fraco e esquemático, passeando pelos clichês esperados: a vaidade, a intriga, a busca do sucesso rápido etc. É certo de que não se trata de um projeto de vida do veterano cineasta, mas sim da atriz limitada Neve Campbell, que co-escreveu o argumento e co-produziu o longa. Apesar dos defeitos, há pontos a se ressaltar, sobretudo a *mise en scène* de Altman com sua costumeira habilidade de planos e cortes que permitem acompanhar as diferentes nuances de uma tomada repleta de personagens, como em uma festa. A fotografia chapada, de tons secos, realça a naturalidade das ações, aliada a uma trilha jazzística acaba compondo um melhor quadro do que propriamente os espetáculos de dança, que nada têm de especial. Não é o pior filme de Altman, esse é o indescritível *O.C. and Stiggs*, mas já se pode temer sobre o futuro. Se tiver que assistir, que seja pelo homem atrás das câmeras, em respeito ao seu passado. **Cotação: regular.** EUA, 2003, Drama Musical. (VHS/DVD)

Mestre dos Mares: O Lado Mais Distante do Mundo (Master and Commander: The Far side of The World) Direção: Peter Weir Elenco: Russel Crowe, Paul Bettany. Após anos acalentando o sonho de levar às telas a obra de Patrick O'Brian, finalmente Weir conseguiu realizá-lo e obteve total controle e a palavra final - mesmo tratando-se de um projeto com orçamento elevado, mais de 100 milhões de dólares. Uma direção especial, extremamente descritiva, com termos técnicos de navegação, e anticomercial, com duração de duas horas e vinte minutos. *O script* foca o embate interno, com as mudanças de comportamento e o crescimento da tripulação de um navio em detrimento de batalhas. A ação é bem reduzida e o objetivo da viagem é o que menos importa. Por essa razão, muitos afirmam que o roteiro é praticamente inexistente. Mas não, Weir subverteu a ordem esperada de uma aventureira passageira nos mares e criou um drama calcado na relação comandante e subordinados, em que

Divulgação



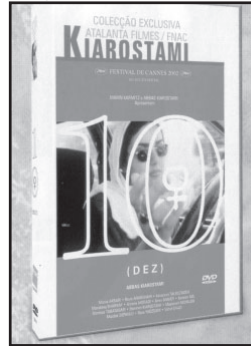
o aprendizado em equipe, apesar das diferenças, é superior às vitórias heróicas. Ótima parte técnica, a melhor depois de *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*, em 2003. **Cotação: bom.** EUA, 2003, Drama. (VHS/DVD)

Por um Triz (Out of Time) Direção: Carl Franklin Elenco: Denzel Washington, Eva Mendes. O ator Washington tem muito prestígio não só nos Estados Unidos como também aqui no Brasil, ainda que faça apenas variações do mesmo tipo. As suas produções têm boas bilheterias e fazem uma carreira ainda maior nas locadoras, o que deve acontecer com esse seu novo longa: um *thriller* de investigação policial rotineiro. A diferença dele para tantos outros similares está na tentativa do diretor Franklin de modernizar e também revisitar o cinema *noir*, seguindo algumas de suas regras, entre elas a mulher fatal que provoca intrigas e traições. Ele já havia feito isso e, em melhor forma, no bom *O Diabo Veste Azul*, de 1995, um exemplar típico do policial dos anos 40, com a diferença de ser ambientado na comunidade negra de Los Angeles e estrelado por negros. A

modernização, Denzel passa o filme inteiro com camisa havaiana, gera um ar despojado que combina com o clima ensolarado e as locações praianas. O estilo e a concepção são superiores à habilidade na realização, que apenas segue o ritmo correto de acontecimentos para tentar surpreender. **Cotação: regular.** EUA, 2003, Policial. (VHS/DVD)

Dez (Ten) Direção: Abbas Kiarostami Elenco: Mania Akbari, Amin Maher. Kiarostami é o principal nome do cinema iraniano, autor da obra-prima *Close Up*. Ele atualmente atravessa uma nova fase experi-

Divulgação



mental, abandonando seu lirismo poético e qualquer inspiração em terreno fictício. A primeira tomada de *Dez*, em que o plano mostra um automóvel em movimento, foca um menino e o olhar tanto do cineasta quanto do espectador são absorvidos, como se capturasse um momento a esmo e o perseguisse, apenas sendo interrompido por um pequeno corte de edição ou o ato de piscar. O fio condutor foi escolhido e é este

carro, onde a ação se desenrola inteiramente, e o banco do carona por onde vão passar pessoas diversas, traçando um panorama, sobretudo, feminino do regime rígido do Irã. A transição do automóvel transforma-se na alegoria ideal para apenas constatar que o século mudou, mas os direitos restritos e a submissão da mulher ao homem continuam os mesmos. E isso se propaga na próxima geração na reiteração de um garoto revoltado com a "rebelião" materna de afastamento de seu pai, o soberano do lar. **Cotação: bom.** Irã/França, 2002, Drama. (VHS/DVD)

Na Companhia do Medo (Gothika) Direção: Mathieu Kassovitz Elenco: Halle Berry, Robert Downey Jr. Cineastas estrangeiros raramente conseguem obter êxito em Hollywood, pois são obrigados a dirigir materiais alheios, com orçamentos elevados e intromissão de produtores, e com o francês Kassovitz, do ótimo *O Ódio*, não foi diferente. *Na Companhia do Medo* é um *thriller* bizarro com um péssimo argumento que une o sobrenatural ao universo dos *snuff movies* - lendários e polêmicos longas que não encenam, contêm realmente a morte de pessoas, com requintes sadomasoquistas. A direção de elenco é falha permitindo

Divulgação



uma atuação descontrolada de Berry, já acometida pelo mal do Oscar, e uma interpretação descabida de Penélope Cruz, que ainda não aprendeu nem a falar inglês. O cineasta não legou uma atenção especial ao roteiro em que uma psiquiatra é presa na mesma ala dos pacientes que cuida, uma narrativa repleta de sustos fáceis e com deficiências de continuidade e erros na trama. A hábil condução de câmera está a serviço de um material abaixo da expectativa. Uma estréia americana desastrosa de Kassovitz que pode ter decretado seu fim em Hollywood, mas também um recomeço na França. **Cotação: ruim.** EUA, 2003, Suspense. (VHS/DVD)



Sérgio Britto

Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

Eu acho *Elixir de amor* de Gaetano Donizetti uma das obras primas da ópera romântica italiana. Orquestra sem maiores pretensões, melodicamente a ópera conta da ingenuidade do camponês Nemorino e de sua amada, a mais esperta, mais culta (culto dentro da simplicidade intelectual do mundo em que vivem) Adina, que é antes de tudo, uma fêmea, uma mulher na plenitude de seu poder. Adina não presta muita atenção a Nemorino, até que, aos poucos, começa a aconselhá-lo a desistir dela: "seja como eu; cada dia, um novo amor, um namorado novo por dia". Isso machuca Nemorino cada vez mais, torna-o mais apaixonado ainda. O interessante nessas pequenas óperas cômicas (nesse caso quase uma opereta) é que a sensualidade homem/mulher é muito marcante, embora a aparente ingenuidade de tudo, leva muita enação a transformar Nemorino e Adina em pessoas quase assexuadas, quando é bem o contrário. Nemorino sabe o que quer: aquela mulher, aquela Adina de olhos maravilhosos, de corpinho esguio, como ele a vê, e como ela, a cantora/intérprete da Adina, deve ser um pouco.

Acho que os olhos de Adina são parte muito importante numa Adina real, crível, a Adina que Nemorino vê e adora. Ela é muito cercada, muito adulada, isso a satisfaz bastante, quase que substitui na sua castidade alguma coisa próxima das brincadeiras sexuais que os jovens de hoje se permitem, enquanto aos personagens de Donizetti segurar a mão já é quase compromisso.

Os olhinhos de Adina, sempre vivos, sempre brilhantes, falam de uma sensualidade que, por enquanto, se satisfaz nesse simples ser desejada por todos. Acho que Belcore, o tenente falastrão, vaidoso, oferecido, que com ela logo quer se casar, é o caminho para Nemorino ter uma oportunidade. Ela diz claramente a Nemorino: "me esquece", mas quando aparentemente, e só aparentemente, ele se afasta um pouco, inebriado, bêbado, na verdade, com o elixir de Dulcamara, elixir que, na verdade, é um bom vinho, Adina põe os olhos nele de novo. Vai casar com Belcore. Ela gosta de se imaginar vivendo confortavelmente na cidade, mulher de um militar de carreira, mas a cabecinha vacila e aí Nemorino descobre nela uma furtiva lágrima. Ária mercedamente famosa, excelente musicalmente e um requinte romântico dos mais verdadeiros.

Uma lágrima nos olhos de Adina, alguma coisa mudou, Nemorino percebe e se comove com isso, é quase um orgasmo, uma esperança que se abre.

Ária bonita, ária fácil? Dirão alguns. Ária difícil, digo eu. Exige voz, vibrato, emoção, agudos e pianíssimos em plena forma e uma interpretação que misture esse estado de quase gozo de Nemorino ao descobrir a tal furtiva lágrima a uma certa alegria, um certo sorriso do homem, que pensa: "ela chorou...chorou...e foi por mim".

Em geral, o tom romântico da ária leva os cantores a darem a essa ária um tom tão romântico que acaba virando uma ária dramática, quando positivamente não é isso. Começo *Elixir dos anos 40*, tinha ouvido primeiro em disco, depois ao vivo, na interpretação musicalmente admirável de Tito Schipa, para meu gosto só comparável à de Pavarotti nos seu *Elixir do Metropolitan*. Mas tanto Schipa quanto o próprio Pavarotti esquecem muito do prazer de ter descoberto a lágrima nos olhos de Adina, eles cantam melancólicos, tristes, dramáticos sobre

esse "milagre". Se aconteceu o que ele tanto esperava, deve haver um pouco da satisfação do homem "ela chorou", o prazer do homem que antevê uma possibilidade no mínimo um sorrisinho de satisfação.

Não falo de mudar nada, a música é perfeita, falo do sentimento do cantor/personagem: emoção sim, mas satisfação também. Isso é o que eu penso desde 1940. Vi no outro dia, na interpretação de Roberto Allagna sem a partitura da segunda versão feita pelo próprio Donizetti, conto com os meus Nemorinos para dar essa mistura de melancolia e satisfação com que o personagem deve cantar sua furtiva lágrima.

Compro o DVD e simplesmente descobri o *making of* da ópera em que o maestro e Allagna ressuscitaram *Uma furtiva lágrima* que não é a que habitualmente se ouve. Simples! Dez anos depois da estréia, o próprio Donizetti sentiu que sua ária era dramática demais, que lhe faltava o tal sorrisinho de vitória e simplesmente reescreveu *Uma furtiva lágrima* com pouca modificação, mas o suficiente para dar a seu intérprete o tom melancólico e apaixonado sim, mas misturado a uma sensação de prazer ao antever uma possibilidade nova: Adina chorou, quem sabe chorou por mim, quem sabe...

Fiquei muito satisfeito com essa descoberta na segunda versão de Donizetti, uma intuição qualquer sempre me pedia uma furtiva lágrima não só dramática e romântica. Eu queria aquele sorriso que o Allegna mostra e que foi que Donizetti se permitiu reescrevendo uma segunda versão de sua ária tão famosa.

Roberto Allegna canta *Uma furtiva lágrima* encostado romanticamente à parede de uma casa, mas essa posição que levaria qualquer intérprete a um sentimento altamente romântico em princípio, não impede que se veja nele o prazer da descoberta da "agüinha" que saiu dos olhos de Adina. Um sorriso

Para mim, a graça de *Elixir* está nesse jogo de mulher esperta, consciente do seu poder, mas conquistada pelo "bobão" que é o Nemorino bobão sim, mas o homem que ela, mulher completa na acepção da palavra, percebe que vai ser o homem perfeito para ela, por mais ingênuo que seja.

Aqui o elixir que Nemorino toma é apenas o incentivo que o leva à bebedeira (por excesso, já que ele está bebendo vinho) e da bebedeira a um certo atrevimento, a uma inesperada e aparente indiferença que deixam Adina insegura. Ela descobre que quer Nemorino e não admite que ele a trate com indiferença.

Ela quer e não quer, e quando percebe que pode perder, aí ela o quer mesmo, agora, com certeza.

Romantiquinho, mas sem a sensualidade desse jogo de homem/mulher fica um pouco sem graça. Por falar nisso, para os que gostam de *Elixir*, aconselho que não percam a versão com Pavarotti e Kathleen Battle, essa uma parceira a altura do grande divo, na voz, na malícia e na femininidade que o papel exige.

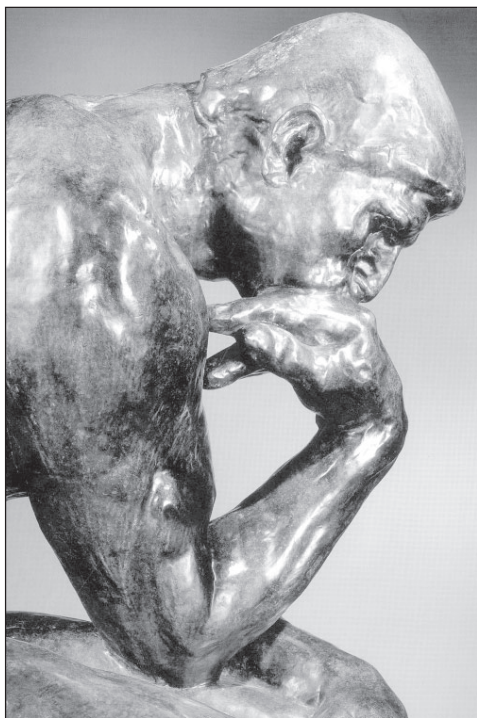
Para o meu *Elixir*, que meus Nemorinos e minhas Adinas me ajudem, naturalmente com Dulcamara e Belcore de qualidade, afinal os 4 são a ópera de Donizetti.

Nota do editor: A ópera *O Elixir do amor* dirigida por Sérgio Britto estréia dia 20 de agosto no Theatro Municipal.



Rio contempla *O Pensador*

MAM recebe uma das obras de arte mais importantes do mundo



Divulgação

A monumental escultura de Rodin *O Pensador* vai estar exposta no Rio a partir do dia 3 de agosto. É a única das 25 réplicas espalhadas pelo mundo que tem permissão do Museu Rodin para viajar. A obra tem 1,82 m e está avaliada em 1 milhão e 250 mil dólares. A escultura foi criada em 1880 quando o artista recebeu uma encomenda para fazer o portal do museu de artes decorativas de Paris. Por sugestão dele, o tema escolhido foi a *Divina Comédia*, de Dante. E é o poeta que está representado em *O Pensador*, refletindo na porta do inferno. O francês François Auguste René Rodin – que ficou famoso por desenvolver um estilo revolucionário com base em modelo vivo - dizia que sua obra pensava não só com o cérebro, com as narinas dilatadas e com os lábios comprimidos, mas também com cada músculo dos braços, costas e pernas, com o punho cerrado e dedos dos pés crispados em garras.

A grande obra *O Pensador* – uma das mais importantes do mundo - pode ser vista no *foyer* do Museu de Arte Moderna até 19 de setembro. **(F.M)**

Tudo é Brasil no Paço Imperial

Mostra exhibe poemas nunca expostos do neoconcretismo

O Paço Imperial recebe, de 3 de agosto até 10 de outubro, a exposição *Tudo é Brasil*, que reúne 80 obras de 36 artistas brasileiros de todas as regiões do país e diferentes gerações. A mostra traça um panorama sobre a arte nacional dos últimos 50 anos. Há instalações, fotografias, vídeos, objetos, pinturas, esculturas, instrumentos e demais suportes. Alguns trabalhos históricos foram especialmente elaborados ou reconstruídos para a exposição. Pela primeira vez, o público poderá ver os oito poemas espaciais criados pelo poeta Ferreira Gullar no advento do manifesto neoconcreto. Até então, apenas dois do total haviam sido elaborados para a exposição neoconcreta em 1959. Outros destaques são os poemas visuais de Luciano Figueiredo,

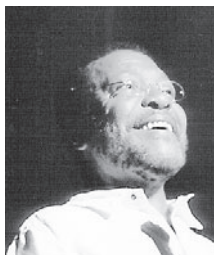
Oscar Ramos e Waly Salomão, em tecido, para a capa do programa do show de Gal Costa em 1971, e ainda as faixas criadas por Décio Pignatari com seus alunos na ESDI, em 1968, para a Passeata dos Cem Mil.

Nas paredes, frases simbólicas e, em vitrines, exemplares das revistas *O Cruzeiro*, *Realidade*, *Manchete* e *Fatos e Fotos* contextualizando a época. Dentre as imagens exibidas está a da instalação *Tropicália*, de Hélio Oiticica. Também com material iconográfico serão ilustradas as repercussões de momentos

cruciais com o filme *Terra em transe*, a peça *O rei da vela* e a música *Alegria, alegria*. Há, ainda, referências à bossa-nova e uma homenagem a Lygia Pape, falecida este ano. Participam da mostra os artistas Artur Barrio, Emanuel Nassar e Arnaldo Antunes, entre outros. **(G.C.)**



Divulgação



Martinho da Vila

Receita de samba-enredo

Para um compositor não há emoção maior que ver o seu samba cantado por uma Escola em desfile de Carnaval. É um sonho.

Já sonhando, recebe a sinopse do enredo. Analisa se o tema é bom para a escola e, se gosta dele, já é um bom motivo para entrar na disputa do samba-enredo. Mas gostar só não basta para se fazer um bom samba. Tem que se apaixonar pelo enredo.

Somente um compositor apaixonado tem condições de criar uma boa música.

Mesmo motivado, não se deve começar a compor sem determinados cuidados. Geralmente dão-nos cerca de três meses para entregar o samba pronto e é bom ter paciência. Calma que o momento é importante. Um bom samba-enredo é que levanta o moral dos componentes, faz os mestres-salas e porta-bandeiras dançarem melhor, a bateria tocar com vontade...

No período de criação, não se deve escutar nenhum samba-enredo, nenhum samba de quadra. Aliás, não se deve ficar ouvindo samba de espécie alguma, porque a intenção é compor um samba totalmente inédito e tem que se policiar para não ser influenciado pelo som comum, ou o que é ainda pior, usar inconscientemente melodias já existentes, o que a gente chama de aceitáveis coincidências melódicas, mas que devem ser evitadas. Quando em processo de criação, é aconselhável "limpar os ouvidos" trocando os hábitos, isto é, fazer um esforço para ouvir música folclórica, ligar o rádio em programas de música clássica, curtir um

som de rock, entrar na frequência da música estrangeira ou não ouvir nada. Neste caso é necessário ficar bastante tempo sozinho, escutando o silêncio. É bom frequentar os ensaios da escola para ficar no clima, mas prestar atenção na bateria, colocando-se bem próximo e, se possível, dentro dela para se entranhar com os sons e ir para casa com aquele ritmo na cabeça. Aí, não se precisa de violão nem de caixa de fósforos. O santo baixa, a inspiração vem.

Com o tema totalmente absorvido, fecham-se os olhos, imagina-se a escola desfilando, as bandeiras girando, as baianas evoluindo, todo o mundo cantando, a plateia vibrando. Neste clima, o compositor cantarola, dança sozinho movido pelo ritmo que está dentro do cérebro. Sempre cantarolando, vai jogando com as palavras, criando a letra e, em pouco tempo, o samba está praticamente pronto. Daí pra frente vem a parte mais importante, que é a lapidação do diamante: o acabamento e a ornamentação, trabalho a ser feito com calma em outros dias. De preferência entregar a tarefa para os parceiros que vão enriquecer a melodia suspender aqui, baixar acolá, costurar a poesia. Depois é ensaiar para os puxadores, caitituar, disputar na quadra, Ah! Como é tensa e emocionante uma final de samba-enredo!

Vencida a batalha, o carnavalesco se inspira no samba para recriar as alegorias, a bateria vai se encaixando a ele nos ensaios, os componentes vão assimilando, imaginando o desfile e o compositor vai ficar feliz quando os autores que disputarem com ele dizem: - O nosso samba deste ano vai dar um olé na Avenida.

Andréa C. Cid CRP: 05/30.691

**Psicoterapia
de Adulto,
Casal e
Família**

Centro: Rua do Acre, 55/ sala 607 - 2233-3894
Barra: Downtown bloco 3/sala 225 - 2494-5204
Celular: 8828-1797

Email: psyand@terra.com.br

PROCURO EDITOR

para lançamento do livro
"Saudações Brasileiras
- cartas a Michael Moore",
de conteúdo
sarcástico/político.

Contatos: **Wagner 9426-4073**



José Louzeiro

Mamãe Mentira

O projeto que está me absorvendo por completo, no momento, é o livro que escrevo de parceria com o repórter Renato Alves, a respeito das peripécias da "mamãe mentira" (Wilma Martins Costa), que adquiriu o mau hábito de seqüestrar bebês nas maternidades e criá-los como se fossem seus filhos verdadeiros. Ficou nacionalmente conhecida através de um deles, o Pedrinho, cujos pais biológicos eram Lia (Maria Auxiliadora Braule) e Jayro Tapajós.

Desde o desaparecimento do filho, no quarto nº 10 do Hospital Santa Lúcia, em Brasília (janeiro de 1986), Lia passou procurá-lo. Foi um longo sofrimento que durou 16 anos e, em certo momento, desestruturou a vida de Lia, embora nesse período tenha se tornado mãe de Cláudia e Cristina.

Quando o próprio Jayro já não tinha

esperança de que Pedrinho reaparecesse Lia insistia nas buscas, declarando-se orientada por Deus. Tinha certeza de que o filho que perdera viria ao seu encontro.

As suspeitas recaíram sobre Wilma, que esteve na Delegacia de Polícia, em Brasília, onde declarou ao delegado Hertz Andrade estar sendo vítima de acusações infundadas: "Pedrinho é meu filho"! Mas os exames de DNA provaram que Wilma mentia. O garoto foi apresentado aos pais biológicos dia 12 de julho de 2003 e a falsa mãe levada para a Casa de Prisão Provisória, onde cumprirá pena de oito anos e oito meses.

Graças ao entusiasmo dos editores Itacolomy Pires, Jorge Sávio e do produtor cinematográfico Riva Faria, a história deverá se transformar no roteiro de um longa-metragem.

Televisão

Elas conseguiram um par

Final feliz para as quatro amigas em *Sex and the city*

Chega ao fim em agosto a última temporada de *Sex and the city*, uma das séries de maior sucesso nos Estados Unidos e que fez muitos fãs também no Brasil. No capítulo previsto para ir ao ar dia 23 no Multishow, Carrie (a personagem de Sarah Jessica Parker), a mais equilibrada da turma, se apaixona pelo artista russo Aleksandr Petrovsky, interpretado pelo bailarino Michail Barishnikov. Mas fica dividida quando Mr. Big reaparece, a fim de reconquistá-la. A relações públicas Samantha Jones (Kim Cattrall) e a prática Miranda Hobbes (Cynthia Nixon) finalmente conseguem um relacionamento estável. A primeira elege o ator Smith Jerrod, (que ela ajudou a lançar). A segunda casa com Steve.



E Charlotte York (Kristin Davis), a mais sensível e romântica das amigas, quer adotar uma criança junto com Harry, já que não consegue engravidar.

Baseada no livro de mesmo nome da escritora Candice Bushnell, a série *Sex and the city* contou com várias participações especiais, como a cantora Alanis Morissette e o ator Matthew McConaughey. A brasileira Sônia Braga viveu uma lésbica que teve um romance com uma das quatro personagens.

Uma semana antes do grande final o Multishow vai exibir um especial com uma hora de duração, (dia 16). O programa vai relembrar cenas que marcaram a série e mostrar entrevistas com os atores. (F.M.)

Visite nosso site

www.acontecenacidade.com.br



Fotos: Ricardo Poock

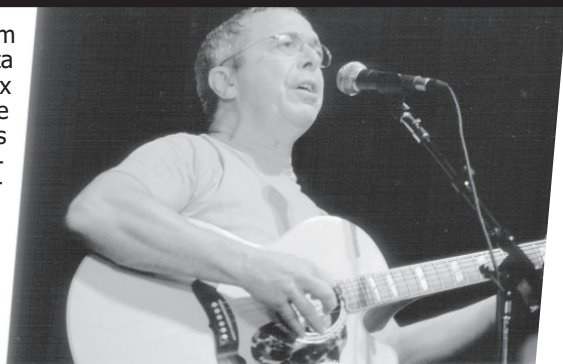
OUTRA VEZ NA ESTRADA

Os dias 09 e 10 de julho trouxeram a música dos anos 70 de volta ao palco do Canecão. O trio Sá, Rodrix e Guarabyra, surgido em 1971 e responsável por muitas composições que marcaram presença na MPB, escolheram a famosa casa carioca para lançar seu novo CD *Outra vez na estrada*.

Surgidos dos antigos festivais, Sá era o que mais participava e sempre emplacava uma ou duas. Guarabyra venceu um Festival de Juiz de Fora com *Margarida*, e Zé Rodrix, numa outra edição deste mesmo festival, emplacou *Casa no Campo*, mais tarde apresentada ao grande público e imortalizada na voz de Elis Regina, e de cuja letra foi retirada a expressão "Rock Rural" até hoje utilizada pela crítica musical.

Desfeito o trio, seguiram carreira solo. Zé Rodrix continuava a emplacar músicas como *Mestre Jonas* nas paradas de sucessos, enquanto Sá e Guarabyra se juntavam para formar a dupla que em seu auge criativo compôs sucessos que são repertório obrigatório de todo cantor de barzinho como *Sobradinho*, *Espanhola*, *ABC de Roque Santeiro*, *Dona* e *Caçador de Mim*, esta última gravada numa interpretação estupenda na voz de Milton Nascimento.

É impressionante como o tempo foi gentil ao passar por eles. Após mais de 30 anos do início de suas carreiras Sá, Rodrix



e Guarabyra mantém o mesmo semblante, a mesma energia que eu tinha gravado na minha lembrança. Fizeram uma apresentação convincente, de quem tem a experiência ao seu lado. No palco, uma banda competente e boa iluminação, na platéia, fãs e convidados tiveram a oportunidade de relembrar os velhos tempos dos festivais.

Festivais que mobilizavam tanta gente e que serviram de catapulta para tantos artistas que hoje gozam o status de estrela. Festivais que eram responsáveis pela renovação dos artistas e da própria música. Festivais da Record, FIC (Festival Internacional da Canção), Festivais Universitários, enfim, FESTIVAIS!

Não é saudosismo não. Ou talvez seja. Que voltem os festivais! (R.P.)

Proespaco Cult

- Artes • Poesia • Filosofia
- Equilíbrio Ambiental
- Sociedade Carioca

www.proespacocult.cng.br

PROCURADO
Você (que tem boa comunicação e vontade de trabalhar)

Contato Publicitário
Recompensa: comissões de até 25%
sem horário para cumprir

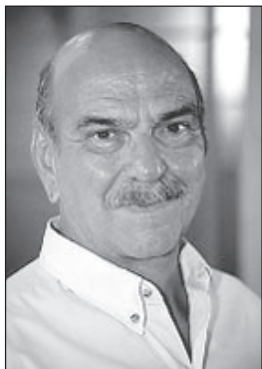
Ligue: 2527-5519 ou 9666-5469
(Ricardo)



Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br

Homenagem. Oscarito, um dos mais simpáticos troféus do cinema nacional, será entregue este ano para Lima Duarte, o grande homenageado do Festival de Cinema de Gramado, que acontece de 16 a 21 de agosto. O ator de *Sargento Getúlio*, que atualmente faz o meloso Afonso, na novela *Da cor do pecado*, receberá o prêmio pela bela contribuição à sétima arte brasileira. A cineasta Tijuka Yamasaki também será agraciada com o troféu Eduardo Abelin.



Tijuka Yamasaki também será agraciada com o troféu Eduardo Abelin.

Antológico. Dizendo que o jazz é um ingrediente integral em sua música, o cantor James Brown relança, 35 anos depois, o antológico álbum *Soul on Top*. O petardo será lançado nos Estados Unidos pela gravadora Verve Records e contará com uma versão inédita de *There was a Time*, sucesso de James Brown de 1968. A performance do cantor no álbum inclui vocais repletos dos gritos que viraram marca registrada, e entre as faixas há *standards* românticos como *That's my desire* e *Magic*. Para os fãs brasileiros, o CD poderá ser encontrado nas lojas de discos importados



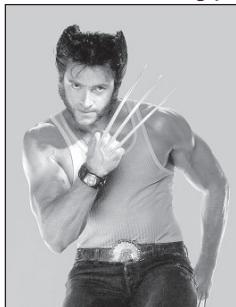
Ramones em livro. O ex-baixista e co-fundador dos Ramones, Dee Dee, tem sua autobiografia *Coração Envenenado-Minha Vida com os Ramones* lançada no Brasil pela Editora Barracuda. Escrito na primeira pessoa (com a colaboração de Verônica Kofman), o livro parte da infância na Alemanha, pós-Segunda Guerra, passando pelas dificuldades de se livrar das drogas pesadas, a conquista da

Inglaterra e o final trágico em 2002, quando Dee Dee, morreu aos 49 anos de overdose.

Bastidores agitados. O diretor Richard Linklater reuniu um time da pesada para atuar no filme *A Scanner Darkly*. Os encrenqueiros são Winona Ryder, condenada por roubar uma loja de departamentos e Robert Downey Jr, que passou temporada na prisão por uso de drogas. Eles vão se juntar ao ator Woody Harrelson, famoso defensor da liberação da maconha. O filme, que será estrelado por Keanu Reeves, promete bastidores bem agitados. Vamos aguardar.

Guerra de astros. Os astros George Clooney, Russel Crowe, Tom Hanks e Hugh Jackman - que time hein? - estão numa acirrada disputa para ver quem ganha o papel principal no filme *The Da Vinci Code*, baseado no *best-seller* do escritor Dan Brown, que logo no seu lançamento ocupou a primeira colocação

Divulgação



na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*. O longa-metragem marcará mais uma parceria do cineasta Ron Howard com o produtor Brian Grazer e o roteirista Akiva Goldsman, o trio vencedor do oscarizado *Uma mente brilhante*. A história é centrada no professor da Universidade de Harvard Robert Langdon e trata de um dos maiores mistérios da história da humanidade: uma conspiração de 2 mil anos cujos segredos estão guardados em códigos nas pinturas de Leonardo Da Vinci

Dança. Encerram-se dia 15 de agosto as inscrições para a 3ª Edição do Bial do Mercosul Dança Macaé. O evento ocupará o Centro Jornalista Roberto Marinho entre os dias 2 e 12 de setembro, com concurso das seguintes modalidades: balé moderno, dança, teatro, popular, sapateado, dança urbana e de salão. A curadoria é assinada por Valério Césio e Rosito di Carmine. Informações e inscrições pelo site www.bialdomercosul.com.br.